

Nº 11 - ANO IV - R\$ 4,00

VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZONIA



**MAIS VISAGENS
NAS ESTRADAS**

**A Ponte do Rio Pantanarri
OIAPOQUE - AMAPÁ**

**Carona
REGIÃO BRAGANTINA - PARÁ**

**O Carro da Velha
NOVA TIMBOTEUA - PARÁ**

**Um Cabrito na Estrada
SALINAS - PARÁ**

**A Ponte do Rio Gurupi
BR-316 - PARÁ - MARANHÃO**

MAIS:

Deu no Jornal...!

Exposição no Centur

Palestras nos colégios

WALCYR MONTEIRO

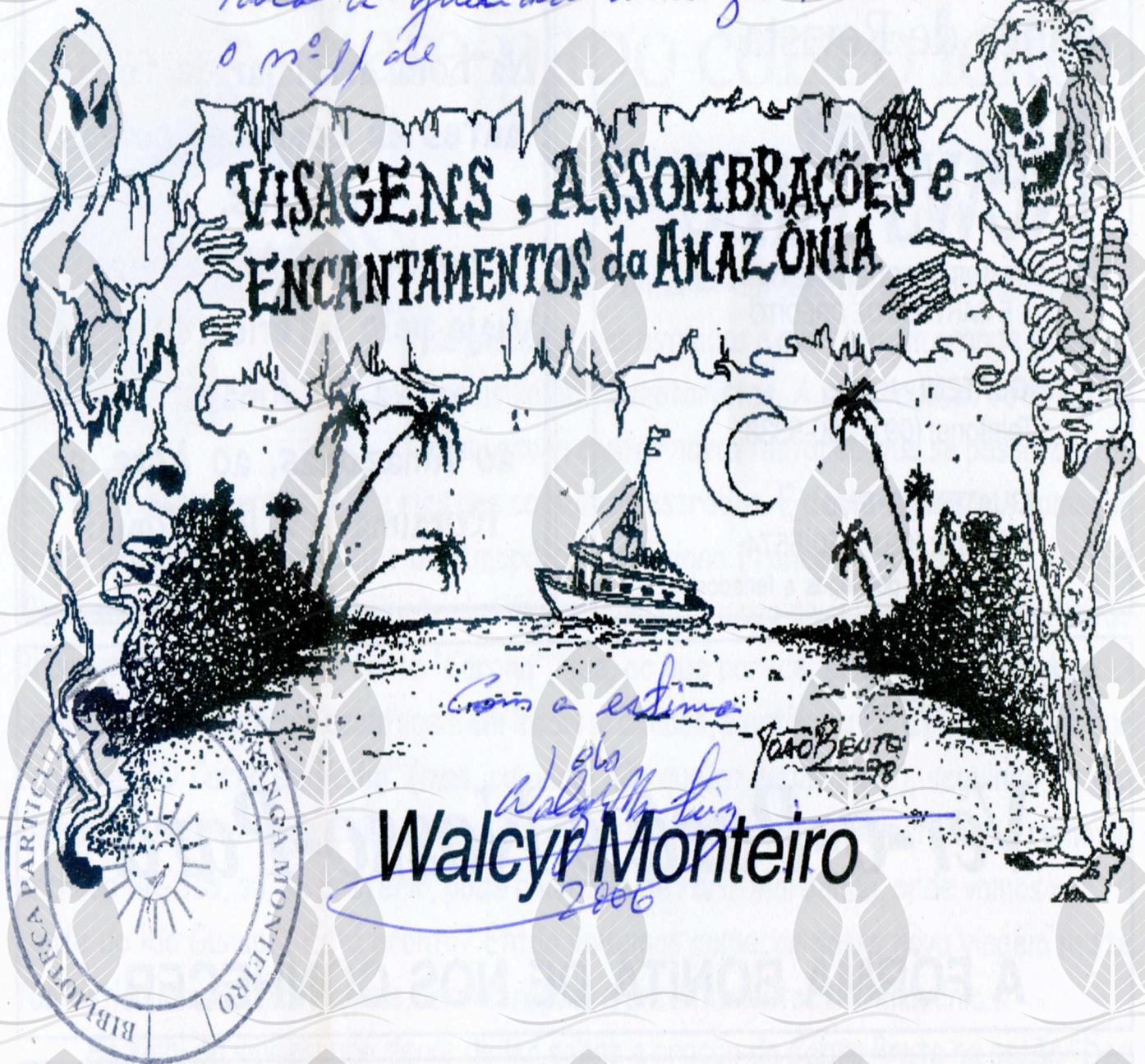
XÔ, HALLOWEEN!



Walcyr Monteiro no traço de Márcio Pinho

Para a querida amiga Marita
o mº 11 de

VISAGENS, ASSOMBRACOES e ENCANTAMENTOS da AMAZONIA



Com a estimo
João Beute 98
Walcyr Monteiro
2006

"As lendas são a poesia do povo; elas correm de tribo em tribo, de lar em lar, como a história doméstica das idéias e dos fatos; como o pão bento da instrução familiar.

... mas o povo cr, e não convém destruir as fbulas do povo.

... ste cultivo dos mitos, não , talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?"

Machado de Assis

"Os Imortais", publicado em 18 de setembro de 1859 em O Espelho.

1469

Banca de Revista

News Time

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ-DATADOS
E CARTÕES DE CRÉDITO

IGUATEMI - 1º Piso

Telefone: (091) 250-5338

IGUATEMI - 3º Piso

Telefone: (091) 250-5574

Abrimos aos domingos e feriados

Na hora de viajar de férias,
antes de conhecer outras
regiões,
conheça a Amazônia.
Viaje pelo interior do Pará,
vá ao Amapá,
ao Amazonas, ao Acre, a
Roraima e a Rondônia!

REVISTAS

Ver-o-Pará e Nosso-Pará

A FORMA BONITA DE NOS CONHECER

Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia - Nº 11 - Agosto/ 2002

Publicação de WALCYR MONTEIRO.

Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Ilustrações das histórias: Márcio Pinho • Digitação e revisão: Paulo Maués Corrêa

Editoração eletrônica: Augusto Henrique • Ilustrações das histórias: Márcio Pinho

Capa: ilustrações de João Bento e Márcio Pinho • Impressão: Smith Produções Gráficas

Correspondências: Caixa Postal 1563 • Belém-PA - CEP: 66017-970

Fone: (091) 222-3384 • e-mail: walcyr@supridad.com.br



Bate-papo com o leitor

O número anterior apresentou apenas histórias que se passaram nas estradas e que fizeram grande sucesso, inclusive entre motoristas. A repercussão foi tão boa que resolvi contar novas histórias que se passaram em estradas ou em pontes sobre rios que cortam as estradas. E desta vez vamos começar nossa viagem lá na fronteira do Amapá com a Guiana Francesa, na estrada que liga Oiapoque a Clevelândia ("A Ponte do Rio Pantanarri"), depois vamos ao Pará, na Região Bragantina, conhecer um certo "Carona", que, ao que parece, era muito exigente; daí para frente as histórias acontecem em locais próximos, e então vamos a Nova Timboteua conhecer "O Carro da Velha" (mas, cuidado! não queira viajar nele!), seguindo para a cidade de Salinas, onde existe "Um Cabrito na Estrada", e de lá tomaremos o rumo da estrada BR-316, ou, se preferir, pode chamá-la de Pará-Maranhão, onde vamos ver "A Ponte do Rio Gurupi". Está pronto? Então podemos começar nossa nova viagem neste fantástico mundo das visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia.

Ao final da viagem não deixe de ler sobre a oração da Cabra Preta na seção "Deu no Jornal...!"

No noticiário das atividades, você lerá sobre palestras, exposições, representações e mil e uma coisas que a criatividade do professorado e dos alunos desenvolve a partir da leitura das nossas publicações.

Égua, sumano! Você já reparou que este é o nº 11 de "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia"? Pois é, e já saíram diversas edições dos números anterior-

res! Por isto tudo, só temos a agradecer o apoio que recebemos de você, leitor, dos professores, dos alunos e do público em geral. E aproveito também para um agradecimento ao Banco da Amazônia e sua valorosa equipe pelo apoio recebido via inserções publicitárias. E como o Banco da Amazônia está fazendo 60 anos, aproveitamos para cantar os parabéns e almejar sucesso cada vez maior para "o primeiro e único banco da Amazônia".

O abraço caboclo do papa-chibé

Walcyr Monteiro

ILUSTRAÇÕES: Márcio Pinho é ilustrador deste número, e já é conhecido de nossos leitores pois ilustrou os números 1, 2 e 9 desta série, bem como outros trabalhos de Walcyr Monteiro

A Ponte do Rio Pantanarri

De vez em quando aparece alguém que não quer se identificar ao contar nossas lendas, nossos mitos ou ainda as histórias de visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia. Preferem ficar no anonimato. Assim aconteceu com o Sargento Carne de Pescoço, designação esta feita de comum acordo. Ele admitiu apenas que fosse escrito que nasceu em Macapá, tem neste primeiro ano do terceiro milênio 33 anos, serviu entre 1989 e 1991 na Companhia Especial de Fronteira de Clevelândia e hoje é paraquedista que atende pelo apelido de Maracajá.

Bem, eu faço questão de identificar as pessoas que me contam as histórias como uma espécie de certidão de que elas são verdadeiras e não obra de ficção ou ainda alguma coisa que eu tenha inventado. De qualquer forma, você já está sabendo que o Sargento Carne de Pescoço existe mesmo, está vivo e apenas seu nome real é outro.



O Rio Pantanarri fica ao norte do Estado do Amapá e é afluente do Rio Oiapoque. Em certo trecho de seu curso ele corta a estrada que une a cidade de Oiapoque a Clevelândia do Norte e sobre ele construíram uma ponte, daí o título desta história.

A respeito da ponte do Rio Pantanarri contam muitas histórias, a maior parte delas envolvendo visagens, assombrações e até mesmo um reino encantado... Mas deixemos o Sargento Carne de Pescoço falar um pouco sobre a famosa ponte. . .

Hein, o quê? Você nunca ouviu falar na ponte, e eu não posso chamá-la de famosa? Bem, eu não tenho culpa se você nunca foi para aqueles lados, porque quem mora ali ou quem já viajou por aquela região conhece ou já ouviu falar sobre a fama da Ponte do Rio Pantanarri... Mas, voltando ao assunto, com a palavra o Sargento Carne de Pescoço.

- O fato que tenho a contar se passou comigo no início do ano de 1990. Já fazia algum tempo que eu estava em Clevelândia do Norte e a minha ex-esposa estava morando comigo, a gente já estava planejando até ter filhos e eu estava me preparando para fazer um curso. Fazia exercícios físicos mais que o normal e para isto eu corria pela estrada até a Ponte do Rio Pantanarri, uma distância de cerca de quatro quilômetros. É uma pista muito íngreme, tem muitas ladeiras e força muito o atleta até chegar a ponte. Eu estava acostumado a correr todos os dias, mas sempre fazia questão de chegar antes das seis da tarde, porque o local lá é tido como assombrado. As pessoas que por lá passavam sempre contavam que tinham visto alguma coisa, que tinham visto vultos indefiníveis ou até mesmo apanhado sem saber de quem. Eu, então, não demorava muito na ponte. Ficava lá, descansava um bocadinho e voltava a correr pela estrada, regressando ao quartel. Só que, certa vez, parei na ponte para respirar e fiquei olhando um peixinho que pulava na água. Nunca tinha visto aquilo antes e olha que eu ia diariamente à Ponte do Rio Pantanarri. O fato me chamou a atenção e resolvi brincar um pouco: apanhei umas pedras na estrada e toda vez que o peixe pulava na água eu jogava pedra, ele pulava na água e eu jogava pedra, ele pulava na água e eu jogava pedra... Não acertei nem uma! Cansado da brincadeira e até porque já era tarde, resolvi voltar.

Cheguei em casa, tomei um banho, jantei e, como naquela época a luz apagava às nove horas da noite, a gente era obrigado a dormir cedo. A única coisa que se ouvia era o ronco da cachoeira em uma rocha que fica próxima e que se ouve a noite toda.

Pois bem, dormi cedo, só que, quando deu uma hora da madrugada, me levantei, me preparei e já ia saindo quando minha mulher acordou. Levantou-se apressadamente, me segurou e perguntou:

- Para onde vais assim, a uma hora dessas ?

- Tenho que treinar. Sabes que vou fazer um curso. Tenho que treinar e vou correr na estrada até a Ponte do Rio Pantanarri.



Eu não lembro quase nada disto tudo. Minha mulher que me contou depois. Pra mim, é como se eu estivesse delirando. Não lembro mesmo e foi ela que narrou o que aconteceu. Então, quando eu disse que ia correr até a Ponte do Rio Pantanarri, ela falou:

- Não, não faz isto. É muito tarde da noite.

Ela pegou o lampião a gás, levou até perto de relógio, mostrando-me.

- Olha que horas são! Isto não é hora de treinar...

Eu estava irredutível.

- Mas eu tenho que treinar. Tenho que me preparar para o curso que vou fazer!

Estava já perto da porta para sair. Ela veio atrás. Segurou-me e gritou comigo:

- Não é hora de treinar. É muito tarde!

Como já disse, não lembro nada direito. Quando ela gritou, foi como se tivesse sido sacudido por alguma coisa. E ela, sem muita delicadeza, puxou-me para dentro de casa, empurrando-me para a cama. Não sei se foi o grito ou se foi o empurrão, mas aquilo foi como se fosse um choque. Do jeito que caí na cama, fiquei. E ela dizia, gritando:

- Te segura, te segura! Não são horas de treinar!

Eu ainda tentei levantar, como que entorpecido, mas, novamente, ela fez com que eu ficasse deitado. Dormi profundamente.

Quando acordei de manhã, estava com uma febre muito alta e delirava. Tive que ser internado no hospital, onde passei vários dias, dos quais pouco lembro também...



Dias depois, já recuperado, quando comentei minha história com algumas pessoas mais velhas, moradoras antigas de Clevelândia, elas disseram que fui malinado pelo povo que vive no mundo encantado que existe debaixo do Rio Pantanarri, por ter jogado pedra no peixe, que devia ser um vivente daquele mundo. Então me contaram várias histórias relacionadas quer com o Rio, quer com a ponte que o atravessa. Disseram

também que tem uma grande pedra do lado direito da ponte, no sentido de quem vai de Clevelândia para Oiapoque, e essa grande pedra aparece mais quando o rio está seco. A tal pedra é o portal de entrada para o mundo encantado sob o Rio Pantanarri. Quem quiser chegar nele, é só mergulhar e passar por debaixo da grande pedra, que chegará a esse mundo encantado. Esta parte do mundo encantado e o portal de entrada debaixo da pedra, que parece uma lage, foi o índio Iaparrá quem contou. O resto das histórias, dos tapas, dos bofetões, dos socos que se apanha ali, sem saber de quem, essas histórias todos os moradores sabem... E contam muitas outras mais...!



Procurei saber com o Sargento Carne de Pescoço maiores informações sobre o mundo encantado sob a Ponte do Rio Pantanarri, ao que ele respondeu:

- Só sei - e o pessoal daqui também - que o lugar é assombrado. O negócio é que só tem esta estrada ligando Clevelândia ao Oiapoque e a gente tem que ir por ela, que é cortada pelo Rio Pantanari, que tem um mundo encantado! Aqui poucos se atrevem a tomar banho no rio. Aliás, só vai banhar mesmo quem é muito macho e tendo muita necessidade. A maioria da população evita. Até mesmo os soldados de Clevelândia, quando têm que pegar lenha (às vezes falta gás) e passar lá por debaixo da ponte, fazem isto o mais depressa possível. Ninguém, na verdade, quer saber ou descobrir os mistérios que envolvem a Ponte do Rio Pantanarri e muito menos o mundo encantado que ele esconde... Eu, pelo menos, depois do que me aconteceu, evitei correr na estrada e ir até lá. Procurava treinar noutra direção. E comigo a maior parte dos que serviam lá na Companhia Especial de Fronteira de Clevelândia. Afinal, pra que desafiar os insondáveis mistérios e encantamentos da Amazônia?

Carona

Caminhoneiros e motoristas em geral que fazem longos percursos sempre têm muitas histórias para contar. Histórias engraçadas, histórias trágicas inclusive envolvendo desastres, histórias de amor, histórias de políticos e de eleições, enfim, histórias de todos os gêneros e para todos os gostos. E, como não poderia deixar de ser, têm também as histórias de visagens e assombrações. Aliás, as estradas parecem povoadas de seres espectrais, tal a quantidade de histórias que são narradas. Aqui também a variedade é grande, porquanto há aparições, visagens e assombrações não apenas de seres humanos, mas também de seres sobrenaturais e até mesmo de veículos fantasmas. Dizem os entendidos que cada um está cumprindo sua sina, que cada um tem uma missão ou então está condenado a pagar determinada penitência... Não é à-toa que muita gente não gosta de viajar sozinho na estrada, principalmente à noite..

A história que estou narrando ouvi há muitos anos atrás. Quem contou? Já não me lembro, mas com certeza foi um motorista profissional. Quando se passou? Há cerca de quarenta anos. Onde aconteceu? Numa estrada da Região Bragantina, que não souberam precisar... Às vezes é assim: quando me contam uma história, nem sempre certos pontos são esclarecidos, muito menos detalhes, por mais importantes que sejam!

Quem viaja em estrada, seja a passeio ou a serviço, já está acostumado a ver uma figura sempre presente: o carona. Seja em direção a um balneário, seja de cidade à cidade, há sempre alguém pedindo carona no meio da estrada. Atualmente, com a onda de violência e de assaltos, a maioria das pessoas não dá mais carona, a menos que se trate de alguém conhecido e até mesmo íntimo. Mas antigamente se dava carona com mais facilidade e até não se entendia quando alguém recusava dar.

E foi justamente nessa época que Mário, motorista de uma camionete, foi chamado numa sexta-feira, no fim da tarde, para fazer um frete. Pensou em recusar.

- Logo hoje? E a esta hora?

Mas a necessidade de dinheiro e os compromissos a pagar fizeram com que a recusa ficasse só no pensamento. E aceitou no ato. Sim, ele ia fazer o frete.

Em seguida, após acertarem o preço, colocaram a carga na camionete. E lá seguiu Mário, pensando na noite de sexta-feira perdida mas, em compensação, no dinheiro que ganharia. Eram cerca de nove horas da noite. Mário viajava tranqüilamente já fazia duas horas e meia. Viagem sem problemas, pois a chuva que ameaçara cair felizmente não caíra. De repente o farol da camionete iluminou um vulto escuro. Mário transformou a luz para máxima e aí pôde distinguir melhor o vulto de homem vestido de preto à beira da estrada, pedindo carona. Olhou o relógio: 11:45 horas. Embora nunca tivesse recusado dar carona, naquele momento, em virtude de ser sexta-feira e da hora e também pelo pressentimento que tivera, passou direto. Para grande espanto de Mário, ele ouviu um baque surdo do lado direito: a porta abriu e fechou com violência e, ao seu lado, comodamente instalado, encontrava-se o homem de preto que vira naquele instante na estrada e para o qual recusara carona, não parando o veículo. Mário sentiu o corpo arrepiar e uma sensação de frio passou pela espinha. Sem coragem de encarar o vulto, olhou para direita pelo "rabo do olho". O homem, todo vestido de preto com um chapéu de massa da mesma cor, estava ali mesmo. Cor clara, barba e bigodes negros, braços cruzados por cima do peito, olhava fixamente para a frente, como se ninguém a não ser ele estivesse na camionete.

Mário, além do corpo arrepiar e do frio na espinha, sentia-se tremer. Não, não era medo não. Era pavor o que Mário sentia. Seu corpo tremia tanto que os braços e mãos começaram a não obedecer seu comando.

A camionete começou a dançar. Mário sentiu que de uma hora para outra sairia da estrada e bateria contra uma árvore das muitas existentes às margens.

Como se o fato incomodasse o homem de preto, este virou-se para Mário olhando-o fixamente, parecendo recriminá-lo. Ato contínuo, o abrir e fechar violento da porta do lado direito da camionete e o homem não estava mais lá.

Mário respirou aliviado.

Seguiu a viagem arrependido de ter aceito o frete numa sexta-feira à noite. Mas, paciência! Já estava mesmo a mais de meio caminho e o jeito era prosseguir. Quando já estava bem calmo e o veículo seguia firme pela estrada, novamente o baque surdo da porta fechando com violência. E novamente lá estava o homem de preto. Desta vez Mário descontrolou-se mesmo. Queria rezar um pai-nosso e não acertava. Olhava o intruso de esquelha. A camionete, quase descontrolada, ia de uma margem a outra da estrada.

O homem de preto novamente pareceu recriminar Mário. Era, pelo seu olhar, como se estivesse perguntando onde Mário tinha tirado sua carteira de motorista. Com um último olhar de reprovação, o homem de preto sumiu da camionete, seguido de violento baque da porta, como se ele tivesse saído e batido a porta com muita força, com raiva mesmo.

Mário recuperou-se de novo. Aprumou o carro e seguiu viagem. Ao chegar ao destino estava branco, parecendo um cadáver. Mal acertava falar. Quando conseguiu contar o que se passou, várias pessoas falaram que o homem de preto já aparecera outras vezes. Não fazia mal a ninguém, mas sempre sentiam um grande medo, ou melhor, uma sensação de pavor.

Se você viajar pelas estradas da Região Bragantina à noite e um vulto de preto lhe pedir carona, dê! Ele não vai lhe fazer mal... Talvez apenas queira passear um pouco com um motorista que saiba realmente dirigir e não pareça nervoso e medroso como pareceu Mário!



O Carro da Velha

- Na estrada de Nova Timboteua para Timboteua Velha, mais ou menos entre os quilômetros 10 e 11, acontecia um fato interessante na década de cinquenta: havia um carro, que os moradores chamavam "o carro da velha", do qual se ouvia o barulho e, quando de noite, se via os faróis, mas o carro não chegava nunca. Desaparecia antes de chegar no ponto de parada.

Quem assim vai falando é Trajano de Souza, natural de Igarapé-Açu, que quando contou esta história, em 1992, tinha setenta e seis anos.

- Eu, então bem mais jovem, tinha aquela prosa de dizer que quando visse o tal carro da velha mandaria parar e embarcaria nele, para descobrir o que era e qual o seu mistério.

Naquela época, a estrada era muito ruim, muito mato, muito buraco, e numa certa noite eu tinha de deixar um fardo de fibra na casa do meu cunhado, para embarcar no dia seguinte de manhã. Morava a cerca de quilômetro e meio da estrada, por isso é que tinha que levar de véspera. Aí eu já ficava mesmo na beira da estrada, o que facilitava muito, pois a casa de meu cunhado era justamente ali.

Levei o fardo de fibra e fui dormir em casa, dizendo que voltava de madrugada, pois o carro da linha deveria passar de manhã cedo, cerca de cinco horas.

Acordei e fui pra casa de meu cunhado só de calção, segurando a roupa para não sujar, quando ouvi o barulho do motor do carro que se aproximava. Aí eu corri pelo caminho, que era também muito ruim e cheio de mato. Meu cunhado, que já estava acordado, me esperando, viu minha agonia e gritou:

- Não te preocupa que eu mando parar o carro!



Eu respondi: - É, mas eu não posso ir quase nu.

E parei para acabar de me vestir.

Continuei andando já todo pronto e cheguei à casa de meu cunhado, que tinha uma parte aberta na frente, onde ficamos os dois sentados em cima do fardo de fibra, esperando o carro da linha.

Só que o barulho do motor do carro foi diminuindo, assim como foi diminuindo a luz dos faróis, até não se ouvir nem se ver mais nada.

O carro da linha mesmo só passou às sete da manhã, quando então embarquei com meu fardo de fibra.

E eu e meu cunhado chegamos à conclusão que o carro das cinco horas era o carro da velha.

Meu cunhado, depois, disse gravemente: - É, tu desafiaste o carro da velha, dizendo inclusive que querias embarcar nele. Pois se eu não estou aqui, tu tinhas embarcado mesmo...!

Você assiste televisão?

**Escreva para a TV que você assiste pedindo
programas regionais!**

Um Cabrito na Estrada

A noite tem sempre os seus mistérios e, às vezes, constitui-se um risco muito grande enfrentá-los. Há o dito popular que diz "boa romaria faz quem, em sua casa, fica em paz", e os ditos populares encerram em si grande sapiência. Mas a necessidade obriga o homem a enfrentar não somente os mistérios da noite como os mistérios da vida... De qualquer forma, é necessária toda cautela quando se precisa sair à noite, pois, quem o faz, pode se deparar com situações desagradáveis e inexplicáveis, a exigir frieza e coragem.

Esta história, narrada por Maria Rosa de Azevedo no Município de Primavera, é uma advertência para aqueles que utilizam a estrada Belém-Salinas e adjacências, principalmente à noite... É preciso muito cuidado porque... Não, assim não tem graça! Tem que começar o caso desde o início, para saber o seu final...

Joaquim Santana, agricultor, residente em Jutai, localidade do Município de Santarém Novo, tinha recebido de sua família uma série de pedidos para que comprasse gêneros que estavam em falta em sua casa. Naquele dia decidiu-se e, após perguntar novamente tudo o que estava faltando e memorizar toda a relação, pegou o dinheiro que guardava em uma caixa e dirigiu-se a uma vila próxima, situada na estrada Belém-Salinas. Quando Joaquim saiu era de tarde, porém a mercearia em que fez as compras tinha muitos fregueses e custou a ser atendido. Ao terminar, já era noite. Acostumado a andar por toda a redondeza e conhecendo aqueles caminhos como a palma da mão, Joaquim não se preocupou e seguiu em frente. Estava só, pois nenhum de seus vizinhos fizera compras ou tinham ido naquela direção. Ia direto no caminho de sua casa carre-

gando as compras realizadas. Cantarolava uma toada de carimbó e seguia todo animado, aqui e ali ensaiando uns passos da música.

De repente, aquela estranha sensação de que não estava só! E ao passar em uma curva avistou um cabritinho que pulava e brincava na sua frente. Joaquim parou e ficou observando. O cabritinho pulava, brincava e corria mais pra frente. Quando Joaquim andou de novo, o cabritinho entrou no mato. Alguns metros adiante, ressurgiu o cabritinho pulando e brincando, porém já um pouco maior.

Joaquim pensou: - É impressão minha...

Novamente o cabritinho brincou e pulou e entrou outra vez no mato.

Joaquim pensou consigo mesmo: - Vou prestar bem atenção desta vez...

Daí a pouco, mais adiante, ressurgiu o cabritinho, ou melhor, o cabrito, pois já crescera novamente.

Aí Joaquim preocupou-se. Aquilo não era normal.

- Não é possível! pensou.

Mas o cabrito, como se fosse um ritual, pulava e brincava defronte de Joaquim, corria no caminho, se escondia no mato e reaparecia, já maior, um pouco mais à frente...

Joaquim começou a inquietar-se e desconfiar de coisa ruim. Andou mais algumas dezenas de metros.

E o cabrito, já maior, ou seja, como um bode, novamente apareceu. Só que não brincava mais: pulava, dava cambalhotas, espirrava e berrava. Novamente sumiu no mato.

Agora Joaquim amedrontou-se. Pedir socorro? A quem? Naquele trecho do caminho não morava ninguém. Além do mais, para dizer o quê? Que estava com medo de um cabrito? Ou mesmo de um bode? Não, ele tinha que resolver a parada sozinho e enfrentar "aquilo", fosse o que fosse...

Não demorou muito e lá ressurgiu o bode, maior ainda, a dar cambalhotas, a espirrar e a berrar cada vez mais e mais alto.

Joaquim puxou de uma faca que levava consigo e, o saco de compras na mão esquerda e a faca na direita, avançou para cima do bode, que parecia não parar de crescer. E dando cambalhotas, espirrando e berrando foi que o grande bode deu um salto para dentro do mato na direção de uma moita e lá pareceu sumir.



Muito assustado com tudo o que ocorrera, Joaquim não conseguiu se mexer, olhando fixamente para a moita onde o bode pulara.

De repente, a moita começou a tremer e foi sacudida violentamente. Tudo ficou rodando, como se fosse um redemoinho e fedendo horrivelmente...

Joaquim olhava tudo aquilo sem acreditar. Ficou tonto, saiu cambaleando e andando de costas. E foi assim até recuperar-se e sentir-se em condições físicas de correr... E foi correndo que chegou em casa...!

Ao contar o caso aos seus familiares, fizeram um levantamento de todas as propriedades nas adjacências. E chegaram à conclusão que ninguém criava bodes por ali...

Portanto, se você viaja pela estrada de Salinas, vicinais, ramais ou estradas próximas, cuidado quando encontrar, principalmente à noite, um cabrito a brincar... E lembre-se sempre do dito popular: "boa romaria faz quem, em sua casa, fica em paz..."

A história acima foi coletada em setembro de 1993, no Município de Primavera, durante a realização do Projeto "O Escritor na Cidade", promovido pelo Ministério da Cultura, pela Secretaria da Cultura do Estado e por outros órgãos. - WM

Você escuta rádio?

**Peça aos radialistas para tocarem músicas de
autores e cantores amazônicos!**

A Ponte do Rio Gurupi

Como você sabe, o Rio Gurupi serve de limite entre os Estados do Pará e do Maranhão. A estrada mais importante que liga os dois Estados e automaticamente o Pará com os estados do Nordeste do Brasil é a BR-316, vulgarmente chamada "estrada Pará-Maranhão". No trecho desta estrada entre o Pará e o Maranhão está construída uma bela ponte justamente sobre o Rio Gurupi. Se você já viajou para aquela região, deve ter notado escombros sob a ponte. Se ainda não conhece, quando viajar para lá preste atenção e verá os escombros constituídos de pedaços de concreto e ferros retorcidos. Estes escombros têm uma história...



Em 1991, Expedito de Souza Bezerra, morador de Alto Bonito, localidade existente antes da ponte do Gurupi no sentido Pará-Maranhão, contou-me que, quando construíram a primeira ponte, ela desabou sob grande estrondo. O fato foi previsto por Francisco Moura, mais conhecido por Chico Moura, curandeiro e "experiente" do lugar. Ele dizia, ante a descrença de todos:

— Esta ponte vai cair...!

Não costumavam dar ouvidos ao Chico Moura, embora fosse pessoa muito respeitada no lugar. E ele repetia sempre:

— Esta ponte vai cair...!

Mas as pessoas de Alto Bonito e cercanias, que viam os engenheiros e demais técnicos altamente especializados em obras daquela natureza conduzindo pessoalmente a construção, pensavam que um leigo no assunto como o Chico Moura não tinha a menor condição de opinar.

E Chico Moura continuava repetindo:

— Esta ponte vai cair...!

Havia gente mesmo que falava que Chico estava "agourando" a ponte.

Quando, finalmente, a ponte caiu de fato, foi mais quem correu para perguntar como Chico Moura sabia que a ponte cairia, ao que ele respondeu:

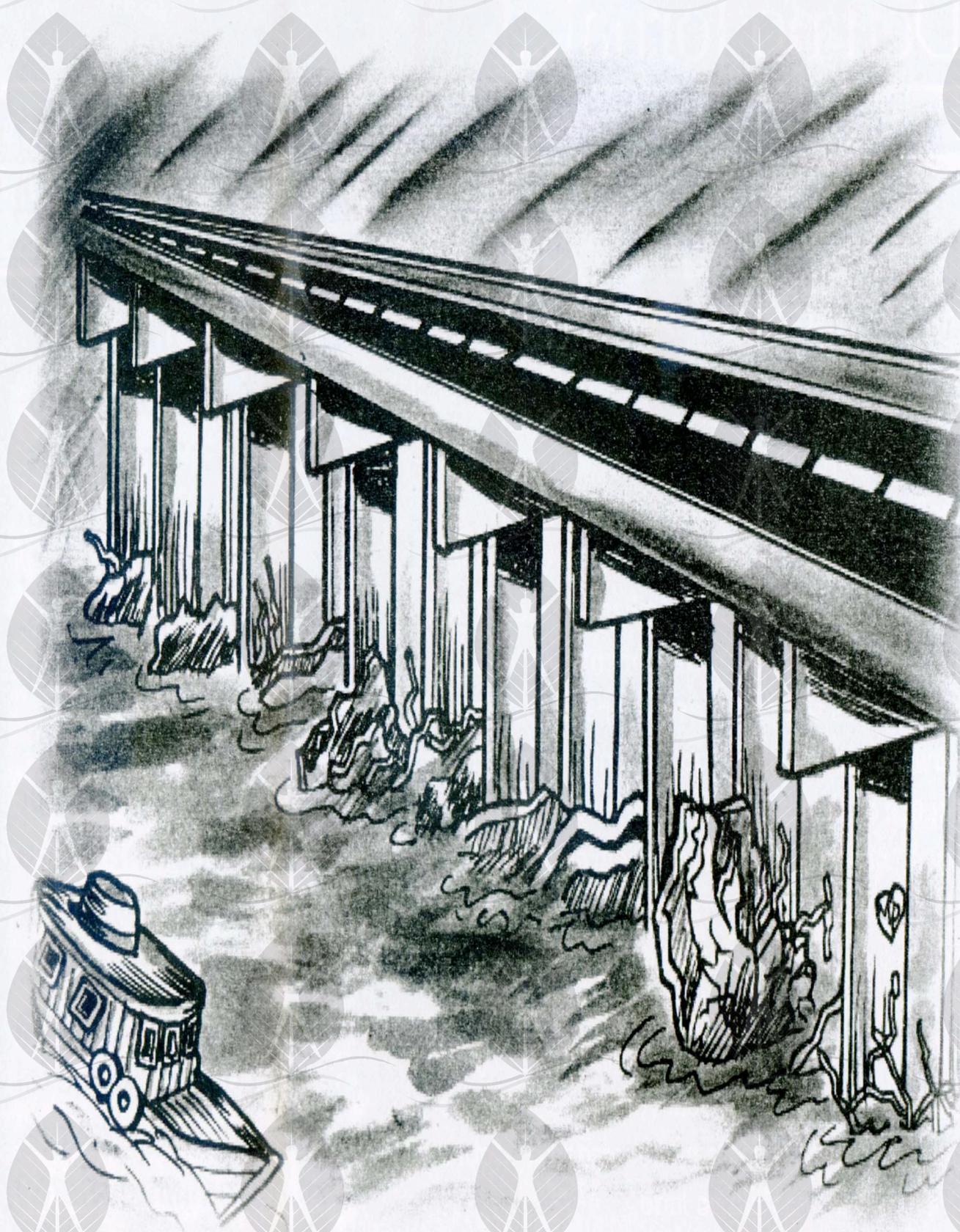
— É simples. Este pessoal (referindo-se aos empreiteiros da obra) retirou material (seixos e areia) lá da C'roa (uma pequena ilha de areia que havia no meio do Rio Gurupi às proximidades de Alto Bonito) sem pedir licença. Os donos não gostaram e derrubaram a ponte.

Chico Moura, ao falar em "donos", queria se referir aos seres encantados do lugar, que seriam os legítimos proprietários da c'roa com sua areia e seus seixos.



O resto da ponte teve que ser dinamitada, ficando seus escombros no leito do Rio Gurupi. E nova ponte foi construída, naturalmente que desta vez respeitando-se os "donos" do lugar e pedindo-se a devida licença.

Quem passa por lá, principalmente quando o rio está menos cheio, pode ver os escombros da primeira ponte embaixo da atual. E se você viajar pela estrada Pará-Maranhão, ao ver os escombros da primeira ponte no Rio Gurupi, já poderá contar a sua história...!



Deu no Jornal...!

DIÁRIO **polícia**

Pará, 1 de julho de 2001

74

Você já ouviu falar em oração forte? Não? Pois então fique sabendo que o povo amazônida, na sua quase totalidade, conhece uma ou mais orações fortes. E o que é oração forte? É uma oração ou reza que se faz nos momentos de perigo, a fim de obter a proteção divina ou sobrenatural, que pode ser dirigida a Deus diretamente, a Jesus Cristo, à Virgem Maria ou ainda às "mães" de rios, lagos, igarapés ou das matas. Geralmente, estas orações fortes são de defesa, em relação a um adversário ou de um perigo iminente, que pode ser doença ou desastre. Mas... sempre tem um "mas", não é mesmo? Há também aqueles que fazem as orações fortes ao inverso, ou seja, para fazer o mal. E foi isto que o jornalista e amigo Amaury Silveira registrou na sua seção METENDO BRONCA, publicada no dia 1 de julho de 2001, domingo, na qual fala de um bandido que faz uma oração do mal chamada de Cabra Preta. Leia a notícia ao lado.

METENDO BRONCA

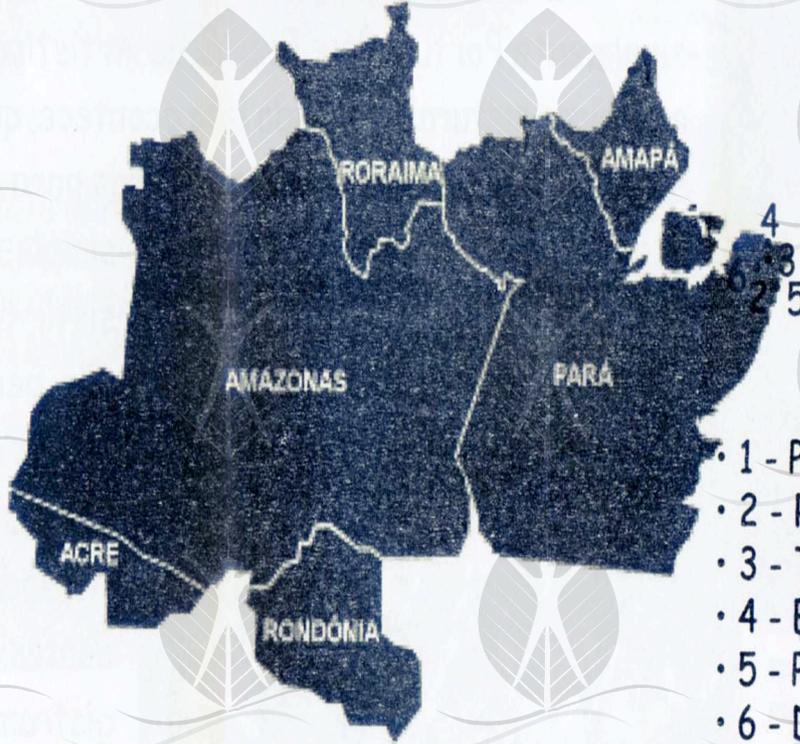
Amaury Silveira

Oração do mal

O assaltante conhecido por "Preto" possui uma oração chamada da "Cabra Preta", que ele faz todas às vezes que se vê perseguido pela Polícia do Paar, onde é procurado por seis assassinatos e dezenas de assaltos. Um macumbeiro já esteve preso na seccional da área e confirmou que foi ele quem deu a tal oração ao meliante. Será?

Localize aqui onde as histórias acontecem

AMAZÔNIA



- 1 - Ponte do Rio Pantanarri
- 2 - Região Bragantina
- 3 - Timboteua
- 4 - Estrada de Salinas
- 5 - Ponte do Rio Gurupi
- 6 - Deu no Jornal (Belém)



MAPA MUNDI



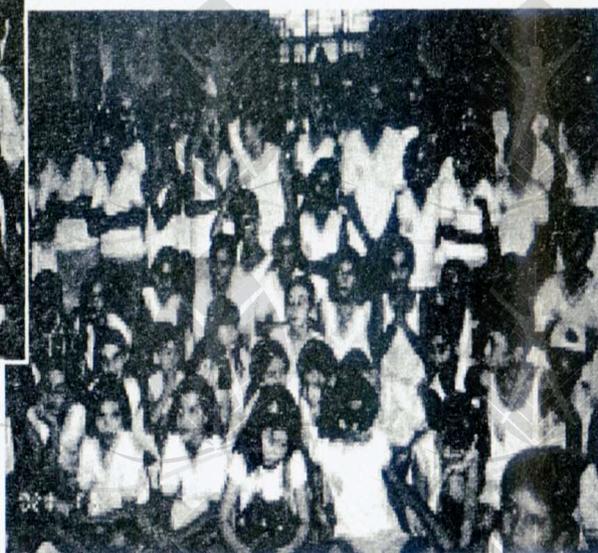
BRASIL



Palestras

Centro de Estudos Educar
Cidade Nova 8 - Ananindeua
(Coordenadora:
Profª Alda Siqueira)

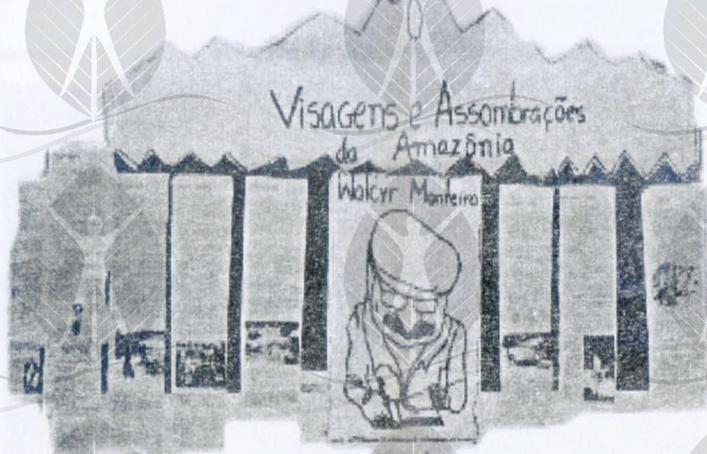
Escolas de ensino fundamental e médio têm utilizado os livros "Visagens e Assombrações de Belém" e "As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará", além das revistas da série "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia" em trabalhos de diversas disciplinas, principalmente Português e Educação Artística, bem como em feiras culturais. Quando isso acontece, quase sempre somos chamados a realizar palestras para os alunos ou



simplesmente a assistir a teatralização, performances e outros eventos realizados pela criatividade dos estudantes. As fotos registram alguns desses eventos.



À esquerda, palestras para professores e alunos do Colégio Estadual Paes de Carvalho (de onde Walcyr Monteiro foi aluno), na Academia Paraense de Letras. Coordenadora do evento: Profª Nancy Moraes.



Escola Municipal Dr. Benedito Maia - Conjunto Abelardo Conduru - Ananindeua (Coordenadora: Prof^a Nazilda Duarte). O I Festival Artístico da escola, tendo como tema "Encantamentos da Amazônia", em outubro de 2001, também teve representações, performances e encenações. As fotos ilustram as atividades dos alunos, destacando-se a representação da peça "A Lenda do Açaí".



Colégio Madre Celeste

Os estudantes do Colégio Madre Celeste, sob a orientação das professoras Sandra Silva e Socorro Aranha, deram um verdadeiro show durante a Feira Cultural daquele estabelecimento de ensino. Além de grandes murais afixados nas paredes do colégio e na sala onde se apresentaram, fizeram a representação de peças teatrais, tendo por base histórias do livro "Visagens e Assombrações de Belém", com destaque para a "Procissão das Almas". As fotos mostram, embora de maneira pálida, o trabalho da mocidade do Madre Celeste, que contou com todo o apoio de suas professoras Sandra e Socorro e da direção do colégio.





Colégio Madre Celeste, Icoaraci
(Coordenadora: Prof.^a Marcilene)



Mural feito baseado na ilustração
de Ruma (capa do nº 7 de "Visagens,
Assombrações e
Encantamentos da Amazônia")



Colégio Madre Celeste,
Cidade Nova 8, Ananindeua
(Coordenadora:
Prof.^a Graça).



Colégio Madre
Celeste, Conjunto
Cohab
(Coordenadoras:
Professoras
Roseana,
Laura e Maria do
Carmo).



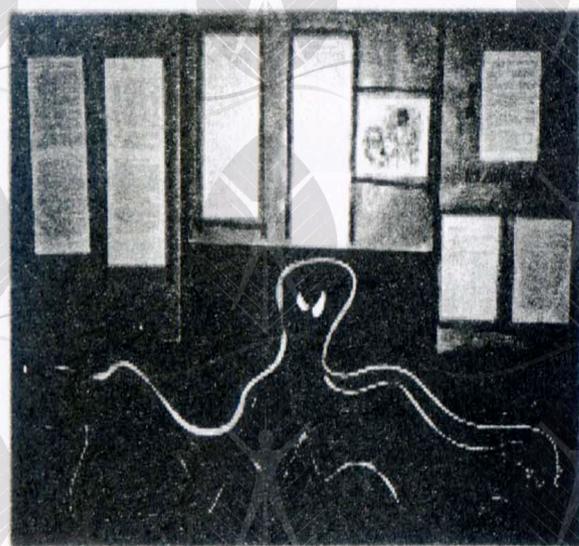
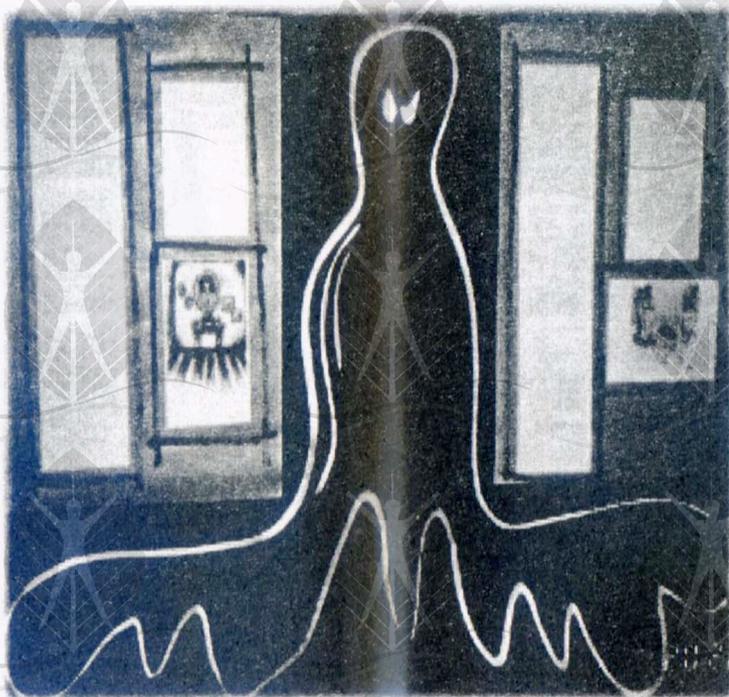
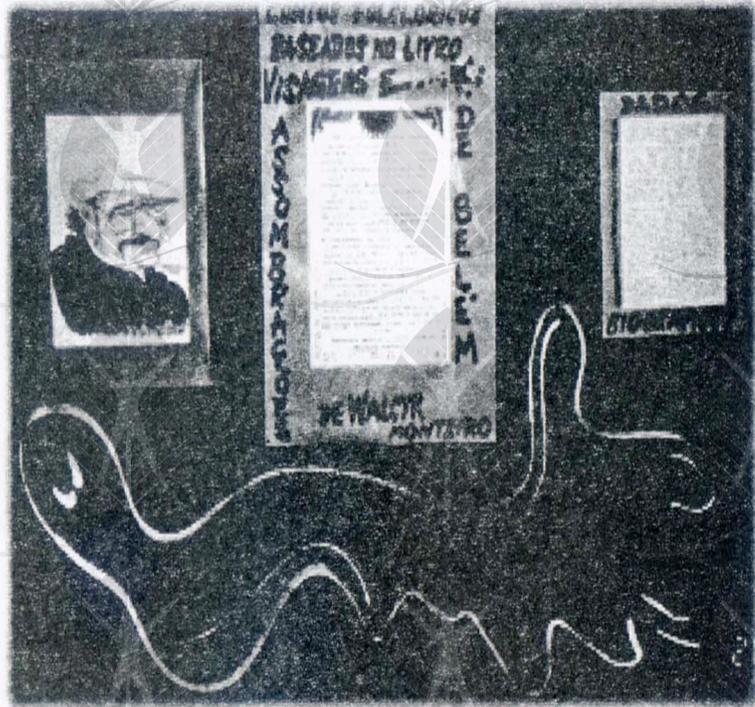
Biblioteca Avertano Rocha - Icoaraci



Representação das histórias "A Moça do Táxi", "Noivado Sobrenatural" e "A Procissão das Almas", do livro "Visagens e Assombrações de Belém", e performance com histórias do livro "As Incríveis Histórias do Cabloco do Pará" (foto), tendo como atores Alci Santos, Evanildo Mercês e Katulo Gutierrez.

Exposição no Centur

A Biblioteca Pública Arthur Vianna (leia-se Regina Maneschi, Maria do Socorro Baía dos Santos, Cecilian Gouveia e João Bento) promoveu de 1º de agosto a 5 de outubro de 2001 mais uma exposição com os trabalhos de Walcyr Monteiro. A exposição era para acontecer somente durante o mês de agosto mas, devido a grande afluência de público, permaneceu até 5 de outubro, tomando parte do hall do 3º andar do Centur. As fotos registram a exposição.



C O L E Ç Ã O

VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



ONDE ENCONTRAR:

EM BELÉM

BANCAS DE REVISTAS NEWS TIME, NO SHOPPING IGUATEMI; LIVRARIA CASTANHEIRA, NO SHOPPING CASTANHEIRA; LIVRARIA MARAJÓ, NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE BELÉM; EMPÓRIO DAS ARTES, NA ESTAÇÃO DAS DOCAS; LIVRARIA JINKINGS e BANCA DO ALVINO.

EM SANTARÉM

LOJA REGIONAL MUIRAQUITÃ

EM MANAUS

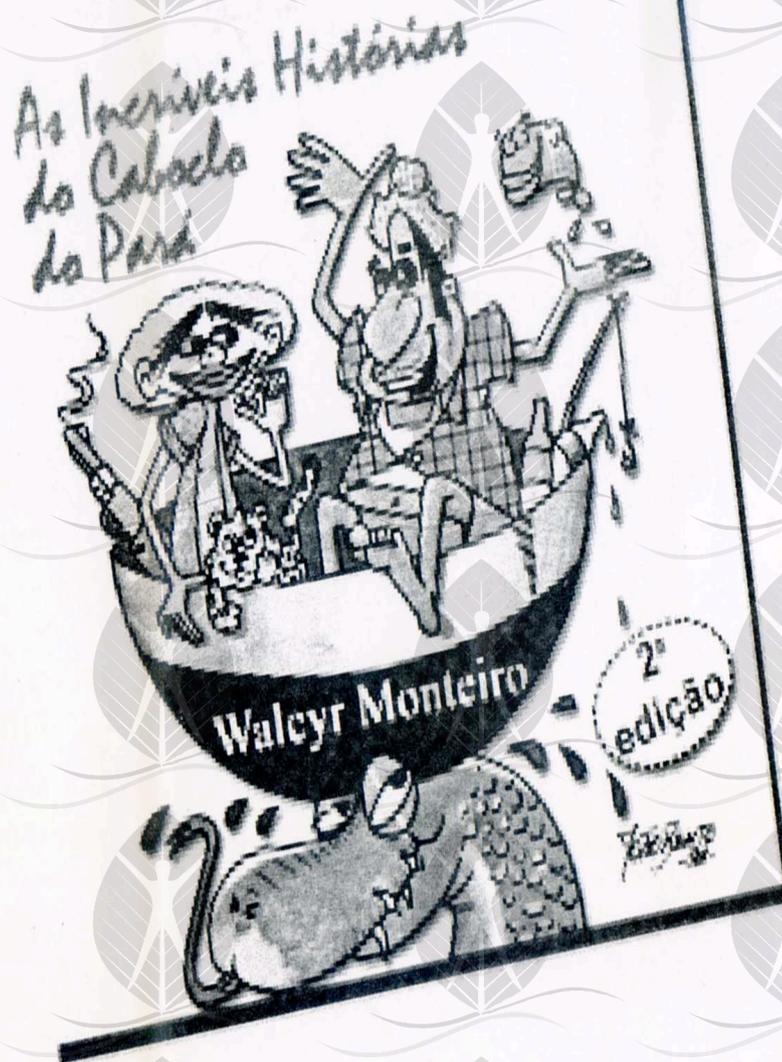
LIVRARIA VALER

EM MACAPÁ

LIVRARIA NOBEL

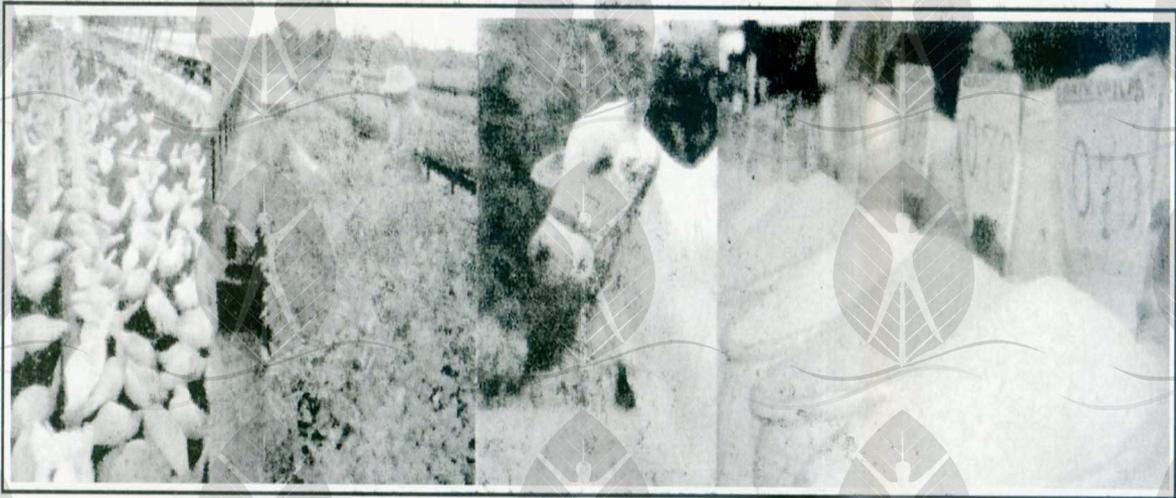
E BANCA DO DORIMAR

Você já conhece
As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará?



Então não deixe de ler mais este trabalho
de Walcyr Monteiro
que resgata a cultura popular amazônica!

ISTO NÃO É LENDA!



É o resultado da aplicação dos recursos do FNO



**BANCO DA
AMAZÔNIA**

O primeiro e único banco da Amazônia



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA